

Caio Cigana

caio.cigana@zerohora.com.br
3218-4709

INTERINO

ESPAÇO PARA REDUZIR JURO DO PLANO SAFRA

Enquanto ao consenso do mercado já espera inflação medida pelo IPCA abaixo de 4,5% ao final do ano e o Comitê de Política Monetária do Banco Central encerra hoje mais um encontro que terá como decisão novo corte da taxa Selic, cresce a pressão para o movimento ser acompanhado pela queda do juro para o Plano Safra 2017/2018. A tendência foi admitida pelo próprio ministro da Agricultura, Blairo Maggi, nesta semana. O barateamento do crédito também passou a ser uma das bandeiras do Conselho Nacional dos Secretários de Estado da Agricultura (Conseagr), que

agora tem o gaúcho Ernani Polo à frente. A entidade prega a redução de três pontos percentuais no juro, que, no caso do custeio, modalidade equivalente a 80% dos recursos disponibilizados, é hoje de 9,5% ao ano.

O economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), Antônio da Luz, observa que, no caso do crédito para o Plano Safra, mais importante do que a Selic – hoje em 13% ao ano e com a expectativa do mercado de que chegue a 9,5% no final de 2017 – é observar o IPCA. Luz lembra que a principal fonte de recursos para o crédito rural é a poupança – remunerada a 0,5% ao mês, mais a taxa referencial (TR).

Esta, por sua vez, é atualizada de acordo com a inflação.

Em 12 meses até janeiro, o IPCA acumulado ficou em 5,35%, bem abaixo de um ano atrás (10,7%) e de maio (9,3%), quando normalmente o Plano Safra é anunciado. Embora prefira não estimar o quanto o juro do crédito poderia ser reduzido, Luz sustenta que há margem para um corte significativo.

– É possível afirmar que há espaço para uma queda substancial do juro do crédito rural, olhando não pelas expectativas para o final do ano, mas pela taxa de inflação acumulada em 12 meses, que influencia

a TR, que, por sua vez, influencia o rendimento da poupança, de onde saem os recursos – diz o economista.

Para Luz, o ambiente de arrefecimento da inflação e do juro básico da economia também permite redução do custo do crédito para investimento. No Plano Safra atual para a agricultura empresarial, as taxas vão de 8,5% a 12,75% e, no caso do Moderfrota, de 8,5% a 10,5%. Nesse caso, depende mais de redução da TJLP, atribuição do Conselho Monetário Nacional (CMN). A TJLP está em 7,5% desde o final do ano passado e, de lá para cá, como vimos antes, o quadro da inflação é outro.

PREÇO DO LEITE REAGE

Após seis meses de queda, o preço de referência do leite deve ter recuperação em fevereiro no Estado. Dados do Conseleite divulgados ontem indicam alta de 6,27%, levando em conta um valor projetado de R\$ 1,0034 frente ao preço de R\$ 0,9442 consolidado em janeiro. O movimento teria relação com o avanço das cotações do leite UHT e em pó.

O presidente do Conseleite e do Sindicato da Indústria de Laticínios (Sindilat), Alexandre Guerra, ressaltou que as empresas pagam bonificações por quantidade e qualidade para os produtores e, portanto, os preços de referência devem ser entendidos apenas como balizadores do mercado.

AS EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO GAÚCHO SOMARAM US\$ 690 MILHÕES EM JANEIRO, 37% ACIMA DO MESMO PERÍODO DO ANO PASSADO. CORRESPONDERAM A 64% DO TOTAL EMBARCADO PELO RIO GRANDE DO SUL.

DOMADOS NA PISTA

A Estância Aurora, da Agropecuária Cimarron, de Uruguaiana, realiza hoje a sétima edição do remate virtual Crioulos Fronteiriços. O leilão terá participação das cabanhas Nova Aurora, Mineiro e Malke. Serão ofertados 33 lotes, entre ganhões domados, éguas de cria e domadas. Transmitido pelo Canal Rural, está a cargo da Trajano Silva Remates.

Boa parte da oferta é direcionada não a outros criatórios produtores de genética, mas a aficionados que compram cavalos crioulos para lazer, trabalho ou prática de esportes, uma clientela em crescimento no país.



FRENDO SIOZKA/MARKA DROUJAZO

NO RADAR

Apesar dos poucos negócios com trigo no país nos últimos dias, o Cepea indica que, no Rio Grande do Sul, há liquidez devido ao interesse dos moinhos pelo grão produzido no Estado e leilões programados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O preço médio está em R\$ 515,29 a tonelada, alta de 0,55% em sete dias.



MEDIDAS ANUNCIADAS PELO MINISTÉRIO

- ✔ Instalação de cerca para evitar entrada de animais de grande porte na granja
- ✔ Colocação de equipamentos como arcos de desinfecção para veículos
- ✔ Utilização de água tratada que não seja de fonte desprotegida
- ✔ Uso de tela de 1 polegada nos galpões
- ✔ Fiscalização nas granjas para averiguar o atendimento às normas
- ✔ Impedimento de emitir guias de trânsito animal (GTAs) para quem não obedecer prazos

STOCK/USA/DOB BEHRENS/STANIS

Maior exportador mundial de carne de frango, o Brasil aperta o cerco contra a influenza aviária, doença que passou a demandar maior atenção das autoridades de defesa animal e de entidades do setor devido ao reaparecimento do vírus no Chile, no início do ano. O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, assinou ontem instrução normativa em que fixa prazos para que as propriedades tomem uma série de medidas para prevenir a chegada da enfermidade, nunca registrada no Brasil.

Os criadores têm um ano para a adequação às regras, mas em nove meses terão de informar as secretarias estaduais para que os órgãos de defesa fiscalizem os criatórios. Quem não seguir as normas será impedido de comercializar os animais com as indústrias.

Como a maior parte dos produtores está no sistema de integração, vinculados

JOGANDO NA DEFESA

a frigoríficos, a ideia é que as empresas ajudem de alguma forma os produtores, diz o presidente executivo da Associação Brasileira de Proteína

Animal (ABPA), Francisco Turra.

– As empresas dependem dos produtores e têm de ser parceiras dos integrados, com ajuda financeira e orientação técnica. A forma de auxílio depende da política de cada indústria – diz Turra.

Nos últimos três meses, 45 países notificaram casos de gripe aviária à Organização Mundial de Saúde Animal. Para o Brasil, ter a doença significaria ver fechadas por um bom tempo as janelas do comércio mundial de carne de frango. Continuar livre, por outro lado, abre oportunidade de conquistar ainda mais mercados diante do avanço do vírus em outros países.

O TOMATE CAINDO DE MADURO

Ex-vilão inflacionário, o tomate passa agora por período de preços pressionados para baixo devido à grande oferta sem demanda suficiente. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o pico da safra de verão e as altas temperaturas, acabaram acelerando a maturação dos frutos em diversas regiões produtoras. Como em muitos casos o preço não cobre os custos de

colheita e frete, é observado o descarte do excedente, tanto no pé quanto do produto já colhido. Na última semana, os preços caíram mais de 10% em São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

Na Ceasa, na Capital, o preço mais praticado do quilo do tomate longa vida iniciou a semana em R\$ 1,25. Sete dias antes, estava em R\$ 1,50.

